



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

JAIENNY SYNARA SANTANA DA SILVA

**MODA E MEMÓRIA: EXPRESSÕES CULTURAIS E IDENTITÁRIAS EM INGÁ-PB
(1940-1960)**

**CAMPINA GRANDE
2024**

JAIENNY SYNARA SANTANA DA SILVA

**MODA E MEMÓRIA: EXPRESSÕES CULTURAIS E IDENTITÁRIAS EM INGÁ-PB
(1940-1960)**

Trabalho de Conclusão de Curso em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito à obtenção do
título de Licenciado em História

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Jaienny Synara Santana da.
Moda e memória [manuscrito] : expressões culturais e
identitárias em Ingá-PB (1940-1960) / Jaienny Synara Santana
da Silva. - 2024.
54 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Maria do Socorro Cipriano,
Departamento de História - CEDUC".

1. Moda. 2. Memória. 3. Ingá. 4. Identidade. 5. Cultura. I.
Título

21. ed. CDD 391

JAIENNY SYNARA SANTANA DA SILVA

**MODA E MEMÓRIA: EXPRESSÕES CULTURAIS E IDENTITÁRIAS EM INGÁ-PB
(1940-1960)**

Trabalho de Conclusão de Curso em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovada em: 13/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Maria do Socorro Cipriano** (***.792.944-**), em **02/12/2024 19:46:19** com chave **3f73fdd0b0ff11ef90961a1c3150b54b**.
- **Gildivan Francisco das Neves** (***.780.284-**), em **03/12/2024 17:51:42** com chave **66d406e0b1b811ef9b5f1a1c3150b54b**.
- **Sabrina Rafael Bezerra** (***.019.334-**), em **05/12/2024 12:16:17** com chave **e020ed1ab31b11efac811a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 11/02/2025

Código de Autenticação: 12db4b



A Deus e a minha família, em especial a
minha mãe, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Simone Santana da Silva, por todo apoio, companheirismo, dedicação e preocupação, por viver as aflições e por me acolher nos momentos em que sempre precisei, até para comemorar as vitórias vivenciadas, do início ao final dessa caminhada. Ao meu pai, Jailson Dax da Silva, por sempre me ajudar no que lhe era possível, assim como à minha família, que sempre me amparou e me deu forças para prosseguir nesta jornada. Dedico-me a todos eles.

A Deus, por Seu amor e por ser meu combustível diário, quando o desânimo até a mim chegava. Ele foi força e vigor constante todos os dias, me guiando, dando-me discernimento e proteção nas viagens para a universidade, assim como para enfrentar as tribulações e adversidades que fizeram parte da minha trajetória até a conclusão deste curso.

Aos meus avós, que ficariam imensamente felizes por mais essa vitória na minha vida: Luzia Maria da Conceição e Paulo Barbosa da Silva (in memoriam). Embora fisicamente ausentes, sentia suas presenças ao meu lado, dando-me força. Aos meus avós, Maria de Lourdes Santana da Silva e Severino Pereira da Silva, que me ajudavam com o amor para que meu sonho fosse realizado, pois também era um sonho deles. Agradeço também ao meu primo, Matheus Santana da Silva Nascimento, pelas conversas inspiradoras e pela motivação que sempre me trouxe, me dando forças para prosseguir.

Ao meu namorado, Everson Borges de Souza Silva, que foi constante suporte para a realização do meu sonho, me encorajando, ajudando, compreendendo e acreditando no meu potencial como pessoa e profissional. Sou imensamente grata pela parceria, torcida e amor durante todo o processo.

Agradeço aos professores do Curso de História da UEPB, especialmente à minha orientadora, Prof. Dra. Maria do Socorro Cipriano, pela paciência e acolhimento; ao professor Gildivan das Neves, que fez parte da banca e acreditou nos caminhos que eu tomava; e à professora Sabrina Rafael Bezerra, que me incentivou a seguir com meu projeto. A todos eles, que contribuíram com suas orientações e debates ao longo do curso, meu sincero agradecimento. Agradeço também aos professores Alexandre Ferreira e Neto Lira pelas fotografias e informações de seus acervos, essenciais para este trabalho.

"Memória é um tecido em constante reconstrução; é o ato de recuperar, selecionar e reinterpretar o passado acordo com o presente." - Pierre Nora, 1984"

RESUMO

Este estudo investiga as interações entre moda, memória e identidade cultural em Ingá (PB) durante as décadas de 1940 a 1960. Partindo da premissa de que a moda não apenas reflete as tendências externas, mas também representa uma expressão profunda das transformações sociais e econômicas locais, o trabalho explora como essas dinâmicas se integraram à história da cidade. Através de uma análise detalhada, examinamos como a reinvenção da moda do pós-guerra, bem como o contexto do algodão, não só influenciaram os padrões de vestimenta, mas também moldaram os valores e aspirações da comunidade de Ingá. Destacamos especialmente a forma como as tendências globais foram apropriadas pelos grupos sociais locais, revelando como a moda não apenas permitiu a expressão individual, mas também serviu como um espelho das mudanças culturais e sociais em curso. Para a realização do trabalho, a pesquisa abrangeu jornais, livros de memórias, revistas e fotografias. O aporte teórico se baseia na Nova História Cultural de Pesavento (2009), em Lipovetsky (1989), ao analisar as transformações rápidas da moda, e em Crane (2006), relacionando a história do cotidiano. A pesquisa analisa como a moda em Ingá, entre as quatro primeiras décadas do século XX, refletiu transformações sociais e culturais locais, sendo uma forma de expressão da identidade e adaptação às influências externas.

Palavras-Chave: moda; memória; Ingá; identidade cultural.

ABSTRACT

This study investigates the interactions between fashion, memory and cultural identity in Ingá-PB during the 1940s and 1950s. Based on the premise that fashion not only reflects external trends, but also represents a profound expression of local social and economic transformations, and explores how these dynamics were integrated into the history of the city. Through a detailed analysis, we examine how the reinvention of post-war fashion, such as the context of cotton, not only influenced clothing patterns, but also shaped the values and aspirations of the Ingá community. We especially highlight the way in which global trends were appropriated by local social groups in the city, revealing how fashion not only allowed individual expression, but also served as a mirror of ongoing cultural and social changes. To carry out the work, the research covered newspapers, memoirs, magazines and iconographies. In this way, we work as a theoretical contribution regarding the New Cultural History Pesavento (2009), Lipovetsky (1989) analyzing the rapid transformations within fashion, Crane (2006) relating the history of everyday life.

Keywords: fashion; memory; ingá; cultural identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Darcy Vargas com a caixa na mão.....	23
FIGURA 2 – Darcy Vargas de costas ao lado esquerdo	24
FIGURA 3 – Ilustração da moda em Ingá	26
FIGURA 4 - Mulheres arrumadas para Festa do Rosário (1950-1955)	32
FIGURA 5 - Jantar oferecido ao então governador da Paraíba, Tarcísio de Miranda Burity, no Clube União Cultural Ingaense	33
FIGURA 6 – Concurso de Rainha em 1955.....	38
FIGURA 7 – Representação do folheto de votação do concurso de beleza	39
FIGURA 8 - Festa de Carnaval no Clube União Cultural Ingaense	40
FIGURA 9 – Ações implementadas pelo governo do Estado da Paraíba no ano de 1934.....	43
FIGURA 10 - Aspectos das instalações da Anderson Clayton em Ingá.....	44
FIGURA 11 - Cultivo e adubação de algodais em Ingá	44
FIGURA 12 – Maiores produtores e propriedades ingaenses de algodão nas décadas de 30.....	45
FIGURA 13 - Construção de uma prensa de algodão em 1938: transporte de algodão para prensa em 1938.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CAPÍTULO I – Da reinvenção da moda do pós-guerra aos modos de vestir na cidade do Ingá.....	17
3 CAPÍTULO II – Festividades e Moda: A influência das celebrações na cultura e estilo de Ingá.....	30
4 CAPÍTULO III – Moda, Industrialização e Comércio: o impacto da Ferrovia e da algeira.....	43
5 CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

Ao tratar a moda enquanto manifestação cultural de uma sociedade, analisam-se elementos individuais e coletivos, sendo possível também compreender como os modos de vestir e os comportamentos dizem sobre as identidades de determinados grupos sociais em uma época específica. Partindo da percepção da importância do estudo da moda na sociedade, este trabalho abordará as influências da moda na cidade de Ingá-PB e suas diversas transformações, entre as décadas de 1940 e 1960.

Segundo Similli (2020), é possível analisar as aparências das pessoas e seus valores ideológicos a partir dos conflitos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse período, o Brasil também foi impactado pelas mudanças advindas desse contexto, que marcaram profundamente as vestimentas e o setor de moda, especialmente no que diz respeito às roupas femininas. A guerra impôs novas necessidades e desafios, que levaram à reinvenção e recriação dos ideais de feminilidade. Esses ideais foram ressignificados à luz das circunstâncias da época, refletindo as mudanças nas demandas sociais e nas expressões de identidade das mulheres.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a moda se tornou um campo complexo onde passado e presente se entrelaçam e são constantemente revisitados. Nesse contexto, Alceu foi um ilustrador e estilista brasileiro amplamente reconhecido pela coluna "Garotas do Alceu" na revista *O Cruzeiro*, na qual atuou de 1938 a 1964. Suas ilustrações de mulheres modernas e emancipadas tornaram-se um marco na moda feminina brasileira do século XX. Fenômenos como esse são exemplificados na obra de Alceu Penna, *Modas e Figurinos*, que, entre 1938 e 1957, foi fundamental na construção de um estilo brasileiro único, conforme Bonadio e Guimarães (2023).

Penna adaptou tendências internacionais ao contexto local, integrando elementos da cultura nacional e valorizando uma identidade brasileira própria. Suas criações, como as "Garotas do Alceu", misturavam influências estrangeiras com traços regionais, refletindo a necessidade de reinvenção e criatividade em tempos de escassez e transformação. Conforme as autoras, a obra de Penna demonstra como a moda é uma expressão dinâmica que ressignifica continuamente o passado e o presente, servindo como uma fonte instantânea de representatividade.

De certo, no cenário nacional, refletia-se a forma como a moda era divulgada e influenciada pela mídia local. No Brasil, e particularmente na Paraíba, revistas de

moda desempenhavam um papel essencial ao informar e influenciar a elite local. Publicações como *O Jornal* (1919-1974), de Assis Chateaubriand, com seções que falavam sobre vestimentas e as influências da moda na década de 1940, não apenas exibiam as últimas tendências, mas também moldavam o gosto e a percepção da moda entre os membros da elite. Essas revistas apresentavam tendências internacionais ajustadas à realidade local, fazendo com que a moda se tornasse um reflexo da expressão cultural e social, reforçando a identidade regional enquanto dialogava com influências globais.

Assim, este trabalho surge da percepção e inquietude acerca das lacunas existentes em pesquisas sobre o tema na cidade de Ingá, na Paraíba, no período pós-guerra. Esse momento histórico foi marcado por grandes transformações, especialmente a partir do final da primeira metade do século XX, entre as décadas de 1940 e 1960, quando a cidade passava por mudanças e se destacava, no final do século XX, por suas atividades voltadas à produção algodoeira, somadas às comercializações realizadas no âmbito intermunicipal e com seu mercado externo também.

Ainda nas primeiras décadas do século passado, alguns eventos contribuíram para as mudanças na Paraíba. Sob os efeitos da ampliação do processo de comercialização, a estação ferroviária inaugurada em 1913, conhecida popularmente como "embuá de ferro", fez com que Ingá fosse cada vez mais visitada, possibilitando a criação de novos espaços de sociabilidade. Além disso, em 1938, a Vila do Ingá tornou-se uma cidade e Riachão do Bacamarte foi elevado à categoria de vila. Esta, por sua vez, se destacava principalmente pelo fato de ser participante do programa agrícola do governo estadual. A cidade também começava a se popularizar por eventos festivos e religiosos, que causavam movimentação na política, economia e no social. Tudo isso foi "moldando" o comportamento da sociedade ingaense, seus valores e a maneira como utilizavam os espaços da cidade.

Desse modo, o trabalho tem como foco analisar as questões relativas às manifestações culturais a partir da moda urbana na cidade de Ingá, problematizando esses aspectos como fatores de distanciamento ou inclusão de indivíduos dentro do contexto de sociabilidade nesse espaço entre os anos de 1940 e 1960, evidenciando o papel da elite local e sua relação com as classes sociais menos abastadas.

Como aporte teórico-metodológico, faz-se necessário aproximar-nos da história cultural, contextualizando as leituras de Lipovetsky (1989), associando conceitos

sobre moda com Souza (1987) e refletindo sobre práticas e cotidiano com Crane (2006), passando a compreender conceitos relacionados à moda e melhor entender o imaginário da sociedade criado a partir das experiências e como o ser humano se molda a partir das influências de seu meio.

Nesse sentido, é de grande valia a percepção da moda como um fator de representatividade, manifestação cultural e, principalmente, de potência identitária, na qual tanto o indivíduo quanto a sociedade, de modo geral, tomam para si seus gostos individuais, mas ainda se influenciam pelo gosto coletivo, entendendo que a moda é construída a partir do passado e do presente.

Segundo Molina (2017), pode-se compreender a moda como um fator-chave de contribuição para entender as linguagens de comportamento de uma comunidade, de um povo, no qual estes são levados a pensar, se vestir e agir a partir das evidências de suas necessidades temporais, fazendo com que o sujeito seja influenciado por seu meio social. Compreendendo as necessidades e as influências que variam de lugar para lugar, pode-se entender a moda como um fator gerador e instantâneo de apresentação para o mundo, evidenciado principalmente pelos fatores religiosos, políticos, econômicos e sociais.

Porém, a moda se configura em um âmbito complexo, que pode ser melhor compreendida na psicologia social ou na estética, permitindo entender as relações de apresentação ao mundo e as escolhas do indivíduo em relação às vestimentas. Nesse contexto, voltando-se para os processos de transformações, principalmente nos períodos de guerra, como foi a Segunda Guerra Mundial, esse evento deixou reflexos que perduram até a atualidade, evidenciando por muito tempo a concepção de que os países mais envolvidos nesse evento influenciavam os demais, motivados por suas necessidades, nas quais a mulher ficou em maior evidência devido à adequação ao mercado de trabalho.

Partindo de fontes bibliográficas e iconográficas, torna-se claro as influências europeias no Brasil entre as décadas de 1940 a 1960. Nesse contexto, principalmente os produtos fabricados no país saíam do território de maneira mais barata e retornavam com uma gama de influências distintas, seja para o uso da elite, como para a grande massa de trabalhadores. Um exemplo disso é a exportação do algodão, couro e borracha para a Europa, especialmente para a Inglaterra, que, desde o período colonial, alicerçava economicamente o país desde os séculos XVIII e XIX.

A produção destinada a calçados, roupas e outros produtos manufaturados era, posteriormente, reexportada de volta ao Brasil, muitas vezes com influências europeias que se perpetuavam no cotidiano dos brasileiros. Entretanto, a produção dessas roupas passava a ser feita de diferentes modos, e nesse caso, para públicos distintos, o que, ao longo do tempo, tornava-se um elemento que aproximava e distanciava indivíduos de diferentes meios sociais, devido à ferrenha distinção de classes que se manifestava também por meio das vestimentas.

Considerando o papel importante do Brasil como fornecedor de matérias-primas essenciais para vários setores culturais, Braga (2010) analisa como a moda brasileira tem sido influenciada por fatores externos, particularmente no período pós-Segunda Guerra Mundial. Filmes americanos, como *A Princesa e o Plebeu* (1953) e *Oito e Meio* (1963), estrelados por figuras como Audrey Hepburn e Marilyn Monroe, exerceram um impacto significativo nas preferências de moda no Brasil. Essa influência foi ampliada por meios de comunicação como a televisão e revistas de moda, como *Vogue* (chegada ao Brasil em 1972) e *Manchete* (1952-1993), que desempenharam um papel crucial em adaptar e popularizar o estilo de Hollywood no contexto brasileiro. Esse processo demonstra a crescente globalização da moda, na qual o glamour internacional foi assimilado e reinterpretado no cenário local.

Ainda, Renata Pitombo Cidreira, no livro *A Moda e Seus Padrões*, que tem enfoque nos estudos da moda voltados às temáticas da Belle Époque e da era Prêt-à-Porter, explora e exemplifica questões como, a partir da comercialização em larga escala, em meados da década de 1920, com o contexto da instituição das indústrias têxteis no Brasil e a conseqüente expansão do comércio internacional, a moda passava a fazer parte cada vez mais do dia a dia do povo brasileiro, com a importação de roupas vinculadas à elite, voltadas a marcas renomadas. No caso da grande massa, que não tinha esse poder de compra, passava a reproduzir as roupas ao seu modo, nas condições que tinha, tornando o estilo almejado mais acessível e fazendo-o se popularizar, principalmente no âmbito local, com o auxílio de muitas costureiras.

No âmbito local, não era diferente. Na cidade de Ingá, a partir da década de 1950, podiam-se observar as severas modificações vivenciadas nesse espaço, com inúmeras transformações. Mas as mudanças também foram fortemente possibilitadas pelo contexto econômico, em decorrência da produção algodoeira em larga escala, produzida na Indústria Anderson Clayton & Cia, que é vista como a “salvação” econômica da cidade por pelo menos 22 anos. Sua produção tornou-se tão importante

que foi considerada “um perigo, somado à Argentina, enquanto competidores de algodão dos Estados Unidos” (Diário de Pernambuco, 1936).

Nesse contexto, a Paraíba e a Inglaterra estavam envolvidas em um comércio de algodão desigual. A Paraíba era uma importante região produtora de algodão no Nordeste brasileiro, enquanto a Inglaterra era um dos principais destinos para a exportação desse produto. No entanto, a Grande Depressão, que começou em 1929, afetou severamente a economia global, levando a uma queda na demanda por algodão. Isso impactou tanto os produtores paraibanos quanto as indústrias na Inglaterra.

Nos anos 1920 e 1930, a crescente produção de algodão barato na Paraíba representava uma ameaça para a indústria têxtil da Inglaterra, ao reduzir os preços internacionais e competir com o algodão britânico. A expansão das exportações para novos mercados e possíveis reduções nas tarifas de exportação intensificavam a pressão sobre os interesses britânicos. Produtores e comerciantes britânicos temiam que a entrada de algodão mais barato prejudicasse suas indústrias.

Um polo da indústria paraibana localizava-se na cidade, que promovia empregos para boa parte da população. Pelo preço e pelo consumo emergente, muitas pessoas passavam a cultivar o algodão em pequenas propriedades de terra de forma autônoma, repassando a matéria-prima para garantir o sustento de muitas famílias. Para muitos, significava o "ganha-pão", enquanto para outros era o meio principal de ascensão social.

Assim, destacamos que:

“Ingá, na Paraíba, emergiu como um importante centro de produção de algodão na década de 1920, com a implantação de fábricas e polos industriais que não só impulsionaram a economia local, mas também contribuíram para a expansão da produção de algodão no Brasil. Esse desenvolvimento transformou a cidade em um ponto estratégico para o cultivo de algodão, gerando empregos e promovendo o crescimento econômico em uma região que, até então, era predominantemente rural” (Cunha, 2010, p.78).

As principais relações intermunicipais impulsionavam a geração de renda na Paraíba, evidenciando Recife como seu principal receptor do produto, o “Ouro Branco”, assim chamado o algodão da cidade de Ingá. Isso fez com que a cidade se tornasse palco de diversas modificações sociais. Por intermédio desse produto, Ingá se ascendeu socialmente e, conseqüentemente, se tornou um foco de sociabilidade, seja com a abertura do "embuá de ferro" (como é chamada a estação ferroviária), seja nas

festividades e até mesmo no cotidiano da cidade, até o declínio do algodão na década de 1980.

O âmbito urbano passava por diversas modificações, entre elas o contexto de conflitos políticos, mudanças sociais e crises econômicas, o que torna necessária a compreensão da moda como um fator importante na construção da identidade de um povo. Nessa perspectiva, o objetivo é tratar o tema da moda urbana na cidade de Ingá como uma forma de reconhecer as transformações ao longo do tempo, incluindo a inserção das indústrias e a influência da moda proveniente do exterior.

Para tanto, esta pesquisa visa analisar as seguintes fontes históricas: iconografias de contexto nacional e local, relatos orais, jornais como *A União* e *O Jornal*, e produções locais, como o livro *Olhares sobre a História*, que compila informações acerca da cidade. Assim, será possível trazer contribuições historiográficas para investigar a relação do contexto cultural do pós-Segunda Guerra Mundial e como ele interferiu nas formas de consumo, nos modos de vestir e no comportamento dos habitantes da elite da cidade de Ingá.

A fotografia, como fonte histórica, deve ser tratada com rigor metodológico, conforme destaca Kossoy (1941), que a define como um "duplo testemunho": além de registrar uma cena do passado, ela também revela o olhar e as intenções do fotógrafo. Para uma análise eficaz, é necessário aplicar as críticas externa e interna e organizar as imagens em séries homogêneas e cronológicas. Isso permite uma compreensão mais profunda das representações sociais e comportamentais de uma época.

Mauad (2008) complementa essa visão, ressaltando que as fotografias também funcionam como monumentos que preservam as memórias e as relações de poder de um período. Ele defende a curadoria e organização das imagens, para que sua análise revele não apenas um retrato do passado, mas uma compreensão mais rica das dinâmicas sociais e culturais. Ambos os autores concordam que, quando tratadas adequadamente, as fotografias se tornam ferramentas poderosas para a investigação histórica.

Assim, para pensar as diferentes perspectivas sobre a relação da moda no contexto mundial e regional e para melhor compreender como as influências chegam aos âmbitos locais, este trabalho está organizado a partir de três capítulos:

Capítulo I: Da reinvenção da moda do pós-guerra aos modos de vestir na cidade do Ingá. Neste capítulo, investigaremos a reinvenção da moda após a Segunda Guerra Mundial, explorando as mudanças nas tendências e estilos da época. Além disso, analisaremos como essas evoluções globais influenciaram os modos de vestir na cidade do Ingá, ligando o contexto histórico mundial às características locais da moda.

Capítulo II: Festividades e Moda: A influência das celebrações na cultura e estilo de Ingá. Este capítulo focará na influência das festividades na moda de Ingá, explorando a conexão entre as celebrações culturais e os estilos regionais. Também examinaremos como essas festas locais moldaram e preservaram tanto as inovações quanto as tradições no vestuário local.

Capítulo III: Moda, industrialização e comércio: O impacto da ferrovia e da algodoeira (1940-1960). Analisará como a industrialização algodoeira e a estação ferroviária impactaram o comércio de vestuário, investigando a inter-relação entre esses fatores e sua influência nas tendências e no desenvolvimento do setor têxtil.

2 CAPÍTULO I - Da reinvenção da moda do pós-guerra aos modos de vestir na cidade do Ingá

Durante a Segunda Guerra Mundial, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho provocou mudanças no vestuário feminino, que precisou se adaptar às novas funções das mulheres. A escassez de materiais e as restrições de deslocamento devido à guerra limitaram a indústria da moda, resultando na introdução de novos tecidos e estilos. Apesar das inovações, a falta de recursos restringiu a variedade e a liberdade criativa, refletindo as circunstâncias da época e influenciando profundamente o desenvolvimento do vestuário feminino.

De acordo com Veillon (2004), as restrições impostas, especialmente pela ocupação alemã, exerceram um impacto significativo na economia e na comercialização de produtos têxteis e materiais relacionados, limitando suas disponibilidades. Diante dessas condições adversas, aliadas a um mercado consumidor em crescimento, os estilistas enfrentaram a necessidade premente de reinvenção e improvisação. Nesse contexto, surgiram diversas adaptações na França, que posteriormente influenciaram várias partes do mundo, promovendo uma espécie de efervescência na moda, caracterizada por constante renovação.

De certo, nesse período um elemento notável foi a criação de peças inovadoras, tais como chapéus confeccionados com material de jornal, blusas feitas de seda de paraquedas e solas de cortiça utilizadas nos calçados em substituição ao couro, este último escasso na época. Além disso, materiais como madeira e metal foram incorporados na produção de calçados, contribuindo para a diversificação dos produtos disponíveis no mercado. Destaca-se também a adaptação na confecção de meias, agora produzidas diretamente sobre o corpo por meio de tingimento com iodo. Esse período marcou uma fase de intensa criatividade e adaptação na indústria da moda, impulsionada pelas necessidades impostas pelas circunstâncias históricas da época.

Então, desde a década de 1930, o Brasil já se adaptara as diversidades modificações a partir do contexto posterior a Grande Depressão, fez-se emergir a situação do Brasil e do mundo. O início do Estado Novo mostra claramente um projeto nacional voltado diretamente na indústria. De certo, o governo iria perseguir a garantia da unidade nacional e acabar com a dicotomia entre o Brasil político e o econômico, que não coincidiam (Saviani Filho, 2013).

Evidenciadas pelo governo de Getúlio Vargas, o contexto da moda passava por mudanças significativas até então, refletidas atualmente. Existiam grandes necessidades da mão de obra das mulheres, pensando-se na guerra. Partindo de uma percepção lucrativa na indústria têxtil, somado aos olhares sexistas para com as mulheres e seus afazeres domésticos, a mulher seguia uma linha pautada na moralidade. Ainda assim, encontrou na costura um meio de sobrevivência em meio à calamidade vivenciada. Uma profissão "rentável" se difundia, as de costureiras domésticas ou fabris. No entanto, apenas em 1989 foi criado o primeiro curso de desenho de moda.

Nesse contexto entre as décadas de 1920 e 1940 algumas mudanças são evidenciadas, com mais enfoque, estas, que foram abordadas por Maleronka (2007) ao mostrar que as transformações na moda em São Paulo caminham *pari-passu* às atividades das mulheres como costureiras no lar e das operárias fabris, como meios para driblarem a pobreza, as condições sociais e econômicas em que viviam.

Condicionamentos e necessidades variadas levaram as mulheres a assumir diversas "funções produtivas", abraçando habilmente as possibilidades existentes, ocupando brechas no mundo do trabalho ou tomando para si postos e colocações antes vetados ou inacessíveis. Nesse processo, foram mais facilmente incorporadas ao mercado laboral quando assumiram ocupações para as quais eram consideradas hábeis ou vocacionais, exercendo atividades de fiar, tecer, costurar, cuidar, servir (Matos; Borelli, 2012, p. 127).

Nesse contexto, a cidade de Ingá, marcada pelo cultivo do algodão o "Ouro Branco" desempenhava um papel vital na economia regional, gerando novas oportunidades de emprego, como no setor de corte e costura. Essas mudanças econômicas e a adaptação ao novo contexto global influenciaram diretamente a moda local. Apesar das limitações impostas pela escassez de materiais, a introdução de novos tecidos e técnicas de produção moldou o vestuário feminino, refletindo como a economia e a indústria têxtil de Ingá estavam integradas às mudanças globais da guerra.

Articulando o consumo local no pós guerra, levando em consideração as perspectivas reais acerca consideração dos moldes conservadores na cidade do Ingá que se espelhava nas grandes capitais, vinculadas principalmente com religiosidade extrema, muitas mulheres passavam a frequentar apenas as igrejas e realizar atividades em suas casas, estas, iam desenvolvendo a prática da costura, na qual,

nessa perspectiva, eram influenciadas ou levadas a fazer, se pensada na honra e moralidade. Ainda, os homens gozavam de uma liberdade tamanha, e podiam passear por diversos eventos da cidade como ver torneios, com uma vida social mais ativa. Mas, se tornava nítido a apresentação para a sociedade (vestimentas) de quem colhia algodão, de quem comercializava, o sonho burguês de desenvolvimento acontecia.

“Os artigos destinados à educação feminina pontuavam as virtudes próprias da mulher, consagrando sua missão de esposa e de mãe e, sobretudo, seu papel de colaboradora do outro sexo na construção da Pátria. Em oposição, a educação masculina considerava atributos como a coragem, a força de vontade, a compreensão do dever - qualidades dos grandes homens da Nação, heróis da vida civil e militar” (Santos *et al.*, 2012, p.350).

Na metade no século XX, o hábito da costura era recorrentemente revisitado e para além de gerar renda para muitos, alguns indivíduos perpetuavam estas práticas fortalecendo a sofisticação das roupas feitas para uma elite, estas mulheres, se configuravam modistas, que dentro desse contexto construía no seu imaginário as peças e agora substituíam tecidos por brilho, e elevavam a moda para outro espaço.

Segundo Alexandre (2012), os modelos eram refletidos por influências hollywoodianas, transmitidas pelos filmes exibidos no Cine São José, localizado no centro da cidade de Ingá. Na década de 1920, a televisão ainda não estava disponível no Brasil, e o cinema era o principal meio através do qual a população acessava as tendências de moda. Voltando-se para a sociedade ingaense, um dos nomes muito importantes a ser citado é o de Dona Dinha, que, pela sociedade emergente do ouro branco, abriu um ateliê que proporcionava inovações e modelos exclusivos para as mulheres principalmente, mas realizava também, outros trabalhos.

A grosso modo, os espaços de confecção de roupas não eram formalizados. Assim, a atividade de corte e costura praticada pelas modistas ocorria principalmente em suas próprias casas. Dona Dina, por exemplo, residia na praça de “Zé Grande”, mais ao centro da cidade, e era reconhecida pela elite por sua capacidade de criar modelitos e inovações, especialmente vestidos de festa. Dona Dina, além de ser uma figura importante na moda local, fazia parte de um contexto de maior poder e privilégio em Ingá, sendo caracterizada como fazendeira com algumas posses de terra, dando a entender que sua atividade de confecção não era sua única fonte de renda.

Dessa forma, as atividades relacionadas à costura se destacam como elementos de grande importância em Ingá, impulsionando desejos e aspirações e

demonstrando diversas potencialidades para o mundo. Além disso, a prática da costura e alfaiataria na cidade não representa apenas uma fonte de renda, mas também fundamenta uma concepção de trabalho altamente valorizada pela população local. Vejamos:

“No Ingá abriram-se vários ateliês e alfaiataria para atender as necessidades da sociedade que assumiriam gostos requintados de padrões estéticos condizentes com a moda europeia, ou de grandes capitais do Brasil como Recife e Rio de Janeiro” (Ferreira, 2012, p.102).

Entendendo o contexto patriarcal na vida das mulheres na cidade do Ingá, fica evidente que as imposições sobre a figura feminina influenciavam não só seus comportamentos, mas também suas escolhas de vestuário. Segundo Woolf (1929), explora e analisa a representação das mulheres como meros objetos de desejo masculino na literatura e na cultura, defendendo a necessidade de maior autonomia e liberdade para que as mulheres expressem suas identidades de forma genuína, dentro da perspectiva da roupa como liberdade de expressão, criticando olhares de imposição sobre os corpos femininos. Essa perspectiva, ao considerar a roupa como um meio de liberdade de expressão, critica a imposição sobre os corpos femininos e se torna relevante também no contexto local, refletindo como as normas e expectativas de vestuário influenciam a identidade das mulheres na comunidade de Ingá.

Além disso, Freyre (2000) aborda no livro “Casa-Grande & Senzala” os olhares de moralidade voltados a mulher, mostrando que havia uma privação de oportunidades, vontades e desejos individuais destas, sejam eles partindo de uma escolha individual, mostrando como a sociedade brasileira via e moldava a mulher como “sexo frágil”. Freyre também examina como a Igreja Católica reforçava essas ideias, proibindo, por exemplo, o acesso ao sacerdócio para negros e mestiços. Sua obra oferece uma análise detalhada e multifacetada das dinâmicas sociais e culturais do Brasil colonial.

Nessa temporalidade, relatos do livro “Retalhos da História, resquícius de memória”, escrito por Ferreira (2012), traz concepções vivenciadas pelo público feminino no Ingá, onde as perspectivas de “mulher do lar e recatada”, estavam presentes de forma incisiva. Os diálogos mostravam que os vestidos longos, os cabelos mais presos causando um ar cada vez mais ingênuo voltado aos afazeres de casa se tornam cada vez mais presentes na sociedade. Esses ideais se propagam,

fazendo com que aconteça uma submissão feminina de certa forma, como também uma padronização de roupas perpetuando os moldes cada vez mais machistas. Compreendo uma ideia trazida também pela mídia nacional.

Laver (1969) trata de questões de feminilidade enquanto as vestimentas femininas, estas, referenciadas cada vez mais a partir do contexto *Belle Époque*, no qual, dizia que a moda não apenas reflete, mas também molda as noções de feminilidade em uma sociedade, fazendo-se entender que a perpetuação e padronização no contexto da moda principalmente se enraízam na sociedade, principalmente a partir de percepções culturais, políticas e sociais. Na cidade de Ingá, tudo que a mulher viria a fazer, vestir, agir ou se comportar é fundamentado nestas concepções, além da propagação da opinião, cabia a mulher apenas a obediência e submissão.

A exploração da mulher pelo homem, características de outros tipos de sociedade ou de organização social, mais notadamente do tipo patriarcal-agrário tal qual dominou longo tempo no Brasil convêm a extrema especialização ou diferenciação por sexos. Por essa diferenciação exagerada, se justifica o chamado padrão duplo de moralidade, dando ao homem todas as liberdades de gozo físico e do amor limitado o da mulher a ir para a cama com o marido toda a santa noite que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado por obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filho, criar menino (Freyre, 2000, p.93).

A noção de gênero vai além das diferenças biológicas, sendo uma construção social que define os papéis e comportamentos esperados de homens e mulheres na sociedade. Esses papéis são transmitidos desde a infância e refletem uma hierarquia de poder, com os homens associados à autoridade pública e as mulheres ao cuidado doméstico. Como aponta Almeida (2011), esses papéis não são fixos e podem ser transformados, permitindo avanços em direção a uma sociedade mais igualitária.

No contexto do pós guerra, é evidenciado a necessidade de adequação das roupas principalmente pela escassez de matérias primas, tendo por exemplo o náilon e a seda. Ainda, nesse momento, o percussor do advento principalmente do

“encurtamento das saias”, achou nessa ideia uma maneira para barateamento das produções, como para modelamento de um novo modo de fazer designers, este, seria Christian Dior¹.

A ideia de feminilidade no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial foi influenciada pelas necessidades e adaptações da época, refletindo os ideais dos governos, como o de Getúlio Vargas. A primeira-dama Darcy Vargas é um exemplo significativo, representando sutileza e elegância através de suas escolhas de vestuário, que se tornaram símbolos a serem seguidos.

No âmbito local, em Ingá, a influência da moda nacional também era percebida. Embora a cidade estivesse distante dos centros de decisão, as tendências e símbolos da moda, como os apresentados por Darcy Vargas, eram adaptados e refletidos nas escolhas de vestuário local. A historiografia de Ingá mostra que, apesar das limitações de comunicação e acesso a moda nacional, os ideais de feminilidade e as influências culturais do período globalmente relevante chegaram à cidade, moldando o comportamento e as preferências das mulheres locais, evidenciando a interconexão entre o contexto nacional e as práticas regionais.

Nesse contexto, o rádio pôde exercer tamanha influência na vida da população brasileira. Os novos avanços tecnológicos, principalmente no meio urbano, nas cidades, tendiam a confundir, intimidar, distorcer ou até mesmo adentrar cada vez mais forte no imaginário das pessoas em uma velocidade muito veloz. Ainda, a disseminação de informações e cultura por meio do rádio ajudou a influenciar opiniões e comportamentos, promovendo uma nova forma de sociabilidade e interconexão entre diferentes grupos sociais, o que amplificou ainda mais seu impacto na sociedade.

De forma tardia, apenas na década de 1930, o rádio vem a se popularizar e causar mais impactos na sociedade no Brasil, relacionado ao governo de Vargas. Tudo passado era de cunho estritamente estratégico, evidenciado por questões de seu querer e interesse. Das músicas clássicas à literatura, até mesmo os intermináveis discursos e as propagandas, estas ações caminhavam para a formação da identidade de seu governo.

¹ Este, dividiu opiniões dentro da moda no período pós guerra, no qual, suas produções se pautavam principalmente de costuras de muitos metros de tecido, que exalavam feminilidade, porém, agora, de forma racionada, tendo por percepção o racionamento de matérias primas (Piza, 2023).

Ainda em 1930, a influência do rádio em Ingá era limitada, com a Rádio Clube de Campina Grande começando em 1941. A moda era mais influenciada por jornais (Jornal da Paraíba, Jornal A União, Correio da manhã e posteriormente o Ingaense) e revistas locais. Emissoras pioneiras como a Rádio Sociedade da Bahia e a Rádio Clube do Brasil tinham impacto nacional, mas alcançavam poucas cidades pequenas como Ingá. Voltavam-se principalmente a questões de comportamento e à feminilidade que a mulher teria que exalar para ser bem vista e querida na sociedade. Desse modo, a imagem da primeira-dama torna-se um exemplo de feminilidade para muitas mulheres, como mostra Brito (1983, p.67).

“Impressionou-me sobretudo a sua mocidade. Ela completaria trinta e cinco anos já como Primeira-dama do Brasil. A doçura do trato marcava todos os seus gestos, e conquistava logo simpatia e admiração. Não parecia assustada com os graves acontecimentos que tinham sacudido o país de norte a sul, antes preparada para desempenhar o grande papel que o destino lhe reservara. Um claro sorriso iluminava-lhe o belo rosto, respondendo sempre as perguntas do repórter. E notei: os dias vividos na agitação revolucionária, as graves preocupações com o marido à frente da Revolução, o filho mais velho alistado num dos batalhões de voluntários, não lhe deram tempo para cuidar das coisas fúteis. Era uma bela e ilustre senhora de província, que chegava ao Rio, capital da moda e do Brasil” (Brito, 1983, p.67).

Nesse contexto, Darcy Vargas é retratada como uma figura de elegância e compostura, que utilizava a moda como uma ferramenta de representação pública. Em tempos de agitação política, ela conciliava sofisticação discreta e valores conservadores, refletindo o papel das mulheres da elite política da época. Sua imagem ajudava a afirmar seu compromisso com o Brasil, ao mesmo tempo em que reforçava a identidade nacional e a imagem política do governo Vargas.

FIGURA 1 – Darcy Vargas com a caixa na mão.



Fonte: CREAS

FIGURA 2 – Darcy Vargas de costas ao lado esquerdo



Fonte: CREAS

Em *Modos de homem e modas de mulher* (1987), Gilberto Freyre analisa como as roupas no Brasil não apenas refletem, mas também reforçam os papéis de gênero e as transformações sociais ao longo do tempo. Ele destaca que a vestimenta masculina, fortemente influenciada pelos padrões europeus e caracterizada pela formalidade, simbolizava poder e racionalidade, associando os homens à autoridade social. Já as mulheres, com seus vestidos e adornos, eram vistas como símbolos de delicadeza e subordinação, refletindo a estrutura patriarcal predominante. Para Freyre, a moda não apenas expressava esses papéis tradicionais, mas também os reafirmava, enquanto no Brasil surgia uma interpretação própria, mais adaptada ao clima e às necessidades locais, distanciando-se das influências estrangeiras.

As imagens de Darcy Vargas e as representações de gênero analisadas por Freyre estão diretamente ligadas à ideia de como a moda reflete e reforça papéis sociais e de poder. A forma como Darcy se vestia, elegante e discreta, ilustra a mobilidade social da mulher da elite, ao mesmo tempo em que reafirma os valores patriarcais da época. Sua imagem pública, cuidadosamente construída por meio de suas vestimentas, reflete não só a adaptação ao contexto político e social, mas também como a moda reforça as normas de gênero e as estruturas de poder vigentes.

A maneira de se portar, vestir e se mostrar para o mundo se tornava cada vez mais urgente, uma vez que, naquele momento, o Brasil, em particular, enfrentava emergências evidentes, com modificações ocorrendo ao ritmo das máquinas, das mortes e da opressão. Mais adiante, em Ingá, no agreste paraibano, é possível

perceber, ao longo do tempo, transformações que refletem o clima do pós-guerra. Enquanto as roupas sóbrias, marcadas pela melancolia do conflito, predominavam, as ruas e praças começavam a ganhar vida durante as festividades, quando as mulheres, com seus trajes coloridos, traziam uma nova energia, rompendo com a tristeza e trazendo uma expressão renovada de alegria e celebração.

Segundo Simili (2010), mesmo com a suave sobriedade na moda brasileira as estampas e cores continuavam sendo usadas com vigor, roupas alegres e coloridas ainda se configuravam em “alta”. Na moda urbana não era diferente, as mulheres esbanjavam cores e estampas na “flor da idade”, posterior a um período mais sombrio, gozavam de cada vez mais liberdade mostrando-se para sociedade a sua maneira. Essa explosão de vivacidade na moda refletia uma renovação estética e simbolizava o empoderamento feminino. As roupas coloridas e estampadas tornaram-se uma forma de afirmar a identidade e reivindicar visibilidade, representando liberdade e autonomia.

No período após a Segunda Guerra Mundial, houve transformações substanciais no consumo de vestuário, impulsionadas pelo fenômeno do consumismo e pelos avanços na indústria têxtil, além de mudanças sociais e culturais. O processo de corte e costura assumiu funções significativas nesse cenário. Ao longo dos anos os eventos históricos, tal qual, sociais, fazem com que a moda também se transforme. Portanto, a teoria do consumo conspícuo de Veblen (1899) oferece uma lente útil para entender como a moda pode ser mais do que apenas uma expressão de gosto pessoal, mas também um meio de comunicação de status social e distinção.

Na cidade de Ingá, na Paraíba, a elite, especialmente as pessoas que faziam parte de burgueses do "Ouro Branco", buscava seguir as tendências da moda internacional, espelhando-se no contexto pós-guerra. As mulheres, agora envolvidas em atividades fabris, ainda desempenhavam papéis essenciais na costura, refletindo as divisões de classe na sociedade urbana. A ascensão de novas profissões, como costureira, modista e alfaiate, alimentava os desejos da população e influenciava a cultura da grande massa.

Além disso, João Pessoa, capital da Paraíba, exerceu uma influência significativa em diversas áreas no estado, incluindo a cultura e a moda de municípios menores, como Ingá, com laços profundos com a capital paraibana, o que se reflete em várias dimensões, tanto no comportamento cultural quanto nas tendências de moda. A capital atuou como uma referência para os padrões estéticos e as tendências que acabaram

sendo adotadas em Ingá. Como um centro urbano mais desenvolvido e influenciado por dinâmicas nacionais e internacionais, a capital foi um ponto de convergência de modas e comportamentos, que depois se difundem para cidades menores.

Assim, a Revista *Ilustração Brasileira* (1935-1945) desempenhou um papel importante na divulgação da moda no Brasil, alinhando tendências internacionais com as particularidades culturais e sociais locais. Com um cunho intencional, a revista não apenas propagava a moda como símbolo de status, mas também buscava projetar uma imagem de modernidade e nacionalismo, alinhada aos ideais do governo Vargas. Sua finalidade era reforçar a identidade brasileira ao adaptar as modas europeias ao contexto local, promovendo uma visão de modernização que integrava elementos culturais, sociais e políticos do país.

FIGURA 3 – Ilustração da moda em Ingá



Fonte: Revista *Ilustração*, 1935, ano 1, n.6

A imagem retratada na revista mostra como as influências externas permeavam o cotidiano da cidade de Ingá. Vestidos refinados, chapéus e paletós eram distintivos

da elite, associados aos grandes centros de desenvolvimento social, econômico e político. A imagem e a legenda da revista enfatizam os espaços ocupados pela elite local, destacando sobrenomes influentes e cargos de prestígio, aos quais a senhorita Dalva Trigueiro está associada.

Em meio à complexidade urbana, a arte decorativa emerge como uma voz silenciosa que fala diretamente à alma da cidade, transformando espaços comuns em cenários de inspiração e beleza, reforçando a identidade e a coesão social dos habitantes urbanos. Logo, a população da cidade compreendia-a numa divisão nítida, na qual, “da ponte pra cima, se dava o povo endinheirado e da ponte pra baixo pudera definir os menos favorecidos”. As casas e os objetos, artefatos usados nestas, também compunham o ideário da posição econômica, financeira e social dos indivíduos na sociedade, na cidade de Ingá era palco dessa prática também.

Segundo Botton (2006) em a *Arquitetura da Felicidade*, assimila que moda define o que usamos, enquanto a arquitetura molda nossas casas. Nossas escolhas de materiais, cores e estilos nas casas não apenas refletem nossas preferências, mas também refletem as tendências culturais e estéticas contemporâneas. Nesse caso, compreendo a importância de mostrar suas casas como um meio simbólico no qual, expressa também sua posição dentro daquele lugar, a cidade de Ingá por ser um espaço com muita sociabilidade, evidenciado pelo comércio, parte da elite se sobrepunha no seu modo de ser, agir, vestir, e as casas acompanhavam a sua condição social.

Na primeira metade do século XX, as casas da elite em Ingá, PB, se distinguiam por sua arquitetura sofisticada e materiais caros, situadas em áreas centrais e com terrenos amplos, ainda, segundo Ferreira (2012), o algodão gerou diversas mudanças, entre elas o enriquecimento dos produtores, que nesse momento investiam nos centros urbanos adaptando, estruturando-o e dividindo a cidade de certa forma. Seus interiores eram luxuosamente decorados com móveis e objetos refinados, e eram equipadas com tecnologias avançadas, como eletricidade e água encanada, contrastando fortemente com as residências mais simples e periféricas da classe trabalhadora. Ainda, haviam objetos que diferiam a elite da grande massa nesse sentido, como, madeiras, tapeçarias nas paredes, artigos advindos do exterior de prata ou ouro por exemplo.

“O luxo e a ostentação tornaram-se parte integrante da vida da elite agrária ingaense fato este que era percebido na decoração dos casarões, nos móveis e nos utensílios domésticos como objetos de porcelana chinesa, vasos de prata, pianos (mesmo o proprietário não sabendo tocar) e taças e objetos de cristais” (Ferreira, 2012, p. 101).

Então, essas práticas principalmente numa concepção de arte presente na cidade, a Arte Décor, onde, na década de 1950, a arte decorativa ganhou destaque como um símbolo de inovação e modernidade nas cidades, trazendo vitalidade e expressão aos espaços urbanos, inicialmente para o gosto de uma elite, depois, se adequando e sendo inserida do gosto popular. Suas formas arrojadas e paleta de cores vibrantes não só buscavam beleza estética, mas também refletiam a busca por identidade e originalidade em meio ao rápido crescimento urbano e transformações sociais.

"Nada marcou mais o cenário das cidades brasileiras nas décadas de 1930 e 1940 que a arquitetura de tendências art déco, que então se firmou como uma expressão de modernidade acessível às diferentes classes sociais. A partir de construções de maior porte, o vocabulário conquistou o gosto popular e se disseminou em cidades grandes e pequenas" (Correia *et al.*, 2017, p.1)

Conforme destacado por Packard (1957) em 'The Hidden Persuaders', a publicidade tem como objetivo principal vender uma ilusão de uma vida ideal - uma vida frequentemente vinculada à aquisição do produto. Ela sugere que a felicidade reside no ato de consumir, e que adquirir bens é o caminho para alcançar a realização e o sucesso. Nesse sentido, desde as compras do exterior feitas pela elite, como as reproduções realizadas pela população, saciava-se os seus desejos adquirindo sobretudo “felicidade”, que se faz lembrar a perspectiva do “*American Way Of Life*”, o estilo de vida vivido pelos americanos que veio a influenciar também o consumo em grande escala no Brasil, por meio de somatória de bens de consumo, como das produções de roupas que vem a ser uma atividade de grande valia na cidade de Ingá.

Dessa maneira, é perceptível que os meios de comunicação, tal qual, a mídia sempre desempenhou o papel de dominação em meio aos diversos processos de comunicação. Estes, passam a transformar a vida do indivíduo, na medida em que modificam até mesmo a adequação da linguagem para que o receptor da mensagem transmitida se iluda, passe a se confundir em meio às informações, no entendimento de uma verdade absoluta. Portanto, destaca-se a indústria têxtil como um ciclo na vida das tendências da moda, sendo extremamente efêmero e rápido, onde os

consumidores adquirem peças apenas para seguir a tendência do momento, no qual sempre emerge algo novo em um período muito curto.

Portanto, é notório que interação entre a mídia nacional e a moda na sociedade moderna foi, e é uma aliança influente, não apenas determinando nossas escolhas de vestuário, mas também definindo nossos padrões de beleza, identidade e posição social. Se torna evidente, que as concepções, transformações e adequações enquanto influência de sociedade acerca dos polos comunicativos é potente e exerce claramente certo poder sobre a sociedade de modo geral, de forma involuntária, porém muito estratégica.

Dentro desse contexto, pode-se observar que o uso das peças reflete as ideias que o indivíduo deseja transmitir ao coletivo. O uso dos chapéus, por exemplo, fazia parte das indumentárias da elite carioca e evidenciava diversos significados simbólicos. Esses acessórios podiam ter “códigos” que identificavam a classe social, a posição do pai ou do marido, a hora do dia e até a estação do ano. O chapéu era uma peça extremamente marcante, configurando-se como um traço de sofisticação, enigma e poder (Blanche, 1908). Dessa forma, o uso do chapéu na sociedade da época se estabelecia como um símbolo de representatividade, tornando-se um diferencial, por exemplo. Assim, ao compreender que as escolhas e usos cotidianos são extremamente simbólicos e significativos tanto para o individual quanto para o coletivo, essas decisões se tornam decisivas.

3 CAPÍTULO II - Festividades e Moda: A Influência das Celebrações na Cultura e Estilo de Ingá

Entende-se que as festividades na cidade atuam como elemento de sociabilidade e comunicação representativa constante que podem influenciar os aspectos políticos, econômicos, como também diretamente sociais. Então, partindo da análise da cidade de Ingá, é evidente o hábito constante voltado as festividades no âmbito urbano, destacando a elite como principais realizadoras desses eventos.

As festividades inicialmente advinham do cunho religioso, principalmente católico que a cidade compunha, a potência cultural evidenciada pela Igreja era tamanha e proporcionava maior sociabilidade entre os indivíduos. Turner (1969) antropólogo renomado por suas teorias sobre rituais e performance, introduziu o conceito de "*communitas*" ao estado de igualdade coletividade que emerge durante determinadas festividades e rituais religiosos, onde as distinções hierárquicas na sociedade são temporariamente deixadas de lado².

Então, pode-se compreender que voltando-se ao ambiente urbano, mais precisamente ao âmbito local, essas relações são fomentadas de forma veloz e fortes vinculadas principalmente ao forte poder religioso que aperta e desfaz laços na sociedade. Desse modo, a identidade do Ingá vem se constituindo principalmente alicerçada pelos dogmas religiosos, estes eventos, começam em meados da década de 1960 e vão se perpetuando e fazendo com que a comunidade zelasse por ela. Compondo as festividades da cidade inicialmente tinha-se a "Festa de Nossa Senhora da Conceição" na perspectiva religiosa, as festas de carnaval e a "Festa das Rosas", esta, que trazia por perspectiva principal a elitização, evidenciada por quem compunha a festa, tendo por foco, os fazendeiros locais, com o intuito de homenagear suas filhas.

As festividades da "igreja", com relações religiosas, estão presentes na sociedade desde o período da Idade Média, relacionando-se com o paganismo e se

² Desde o período da Idade Média as festividades faziam parte da sociedade de modo coletivo e atuavam no individual de cada cidadão de forma singular, somando sentimentos e afetividades diferentes. Bakhtin (1965) aborda as relações voltadas ao contexto das festividades no âmbito urbano deixando em evidencia a percepção acerca das festividades como ocasiões onde a cultura popular se manifesta, proporcionando um espaço onde as pessoas se encontram para comemorar, socializar e questionar as normas sociais e as estruturas de poder existentes.

pauta como uma manifestação cultural e identitária do Brasil, sendo pautada na mistura entre indígenas, negros e europeus, divergindo-se nas diversas expressões culturais durante os tempos. Estas festividades, relacionadas a cidade de Ingá eram marcadas pela elegância e refletiam o progresso da população ingaense, com enfoque na elite emergente do algodão.

A geração de sociabilidade em Ingá, sob uma perspectiva elitista, foi moldada pela elite local, que, ao longo do tempo, construiu um olhar emocional e valorizador sobre as festividades e tradições da cidade, baseando-se nas memórias e nas experiências vividas nesses eventos. As entrevistas com moradores que vivenciaram a década de 1960 oferecem uma visão valiosa sobre as transformações sociais, culturais e políticas da época, refletindo como essas mudanças impactaram a identidade de Ingá. Para ilustrar esse processo, anexamos uma entrevista de um morador da época, cujas memórias e experiências aprofundam a compreensão das transformações que marcaram o município naquele período.

Fala do Professor Ivanildo Moraes Medeiros:

“Todas as festas marcaram não só a mim, mas a toda sociedade Ingaense, mas o destaque é para o lançamento da 1ª Festa das Rosas no ano de 1969” (Ferreira et al., 2021, p.94).

Para Halbwachs (2006), a memória é um elemento precioso que contribui para o entendimento dos fatos passados, seja de forma individual ou coletiva. Nessa perspectiva, as festas desempenham um papel essencial na formação da identidade de um lugar, funcionando como um fator representativo de memória, no qual a sociedade cria um vínculo afetivo e simbólico. As entrevistas realizadas com os moradores de Ingá refletem precisamente esse processo, pois, ao compartilharem suas memórias, ajudam a reconstruir o imaginário coletivo da cidade. Essas lembranças, muitas vezes ligadas a festas e celebrações, são fundamentais para compreender como as práticas sociais e culturais contribuíram para a construção da identidade local e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento da comunidade.

Sobre as festas, podemos acrescentar que:

“A festa mostra-se capaz de, paradoxalmente, produzir o próprio cotidiano e o inédito como atos de produção do próprio vínculo social num processo

dialético de caos e ordem. De maneira particular e expressiva, uma festa em sua essência força simbólica” (Souza, 2011, p.35).

Como reflexo dos conflitos mundiais, mudanças significativas chegaram a Ingá, influenciadas pela moda europeia. Novos hábitos, como o uso de saias e vestidos mais curtos, passaram a fazer parte do cotidiano local, acompanhando movimentos revolucionários e a busca por liberdade feminina, simbolizada pelas mini saias. Além disso, o racionamento de materiais também contribuiu para essa transformação. As fotografias desse período são fundamentais para entender as mudanças sociais e culturais em Ingá, funcionando como registros visuais que conectam a memória pessoal e coletiva e revelam a adaptação local às novas normas sociais.

FIGURA 4 - Mulheres arrumadas para Festa do Rosário (1950-1955)



Fonte: Acervo da família Medeiros de Morais

As imagens fornecidas pelo acervo da Família Medeiros de Morais (família que detinha de certa influência na cidade por estar inserido no âmbito militar e intelectual, como cargos de professores na família) capturam a evolução da moda em Ingá ao longo das décadas, evidenciando transformações significativas no estilo e nas preferências de vestuário. Na foto, é possível observar mulheres usando vestidos encurtados, uma mudança marcante que reflete as influências das tendências de moda que chegaram ao Brasil no período.

Esses vestidos, com comprimento mais curto do que o tradicional, demonstram um afastamento das normas conservadoras que prevaleciam anteriormente na cidade. As peças, com tecidos mais leves e cortes mais ousados, refletem as tendências globais que impactavam a moda local. A adoção de vestidos encurtados

em Ingá não apenas sinaliza uma adaptação às novas tendências, mas também uma mudança cultural na forma como as jovens expressavam sua identidade e modernidade. Essa transformação é também uma manifestação de uma "liberdade" dentro de um contexto conservador, onde as jovens, apesar das restrições sociais, encontraram maneiras de incorporar elementos de moda mais liberais sem romper completamente com os valores tradicionais da comunidade.

Na Paraíba, entre 1940 e 1960, as diferenças nos tecidos usados pela elite e pelo povo eram evidentes e também se refletiam em Ingá. A elite, em cidades como João Pessoa e Campina Grande, preferia tecidos sofisticados e caros como seda, lã e linho, com roupas feitas sob medida e detalhes refinados que evidenciavam seu status social. Em contraste, o povo usava tecidos mais simples e acessíveis, como algodão comum e poliéster, focados na praticidade e no custo-benefício. Essas diferenças no vestuário destacavam as disparidades econômicas e as realidades sociais, sendo igualmente perceptíveis em Ingá.

Na sociedade de Ingá, a figura do homem buscava associar-se à aristocracia, e a escolha de roupas, como camisa, gravata e, especialmente, o paletó, tornou-se uma forma de exibir status e chamar atenção. O paletó, peça indispensável em eventos glamorosos, como encontros políticos, simbolizava poder e prestígio, refletindo o desejo de se alinhar às normas de sofisticação da elite europeia. Essa preocupação com a imagem era uma maneira de afirmar uma posição social e de se inserir nas novas dinâmicas de classe. As fotografias da época, como a que será anexada abaixo, capturam esses momentos, revelando as transformações nas relações de poder e status na cidade.

FIGURA 5 - Jantar oferecido ao então governador da Paraíba, Tarcísio de Miranda Burity, no Clube União Cultural Ingaense.



Fonte: Acervo Alexandre Ferreira.

Os eventos na cidade, não se resumiam apenas no contexto festividades religiosas, porém, compreendiam a perspectiva cada vez mais política, na qual, faziam recepções de políticos, como na imagem acima, que traz um teor relacionado a poder e simbologias na sociedade. De fato, nesse momento as fotografias trazem uma narrativa a contextualização referente a épocas e configuram por complexas, composta por eventos de grande e pequena magnitude, envolvendo figuras famosas e indivíduos comuns, locais distantes e exóticos, além da intimidade do lar. Compreende-se que as fotografias abarcam sensibilidades coletivas, juntamente com ideologias estabelecidas.

As pessoas apresentadas na imagem, se caracterizam pela elite da cidade que, puderam representar os mais endinheirados, que traziam por alguns olhares, o progresso constante da cidade de Ingá. Os comerciantes e grandes fazendeiros participavam desses eventuais programas com suas famílias para se mostrar para a sociedade e esse contexto pedia uma adequação enquanto as vestimentas, para causar impacto e diferenciação enquanto a grande massa. Dentre tantos nomes se encaixara os grandes proprietários de terras, trocadores, comerciantes, tal qual, pessoas com cargos governamentais e administrativos.

Considerando a importância da fotografia, esta é concebida como o resultado de um processo social de construção de significado enraizado em códigos culturalmente convencionais. Segundo a autora Muad (2005), a imagem fotográfica é uma mensagem que se desdobra ao longo do tempo, com elementos culturais desempenhando papéis distintos dependendo do contexto e da posição dentro da própria mensagem. Assim, não apenas estabelece uma relação sintagmática ao transmitir um significado organizado de acordo com as normas das linguagens visuais, mas também uma relação paradigmática, envolvendo escolhas dentro de um conjunto de alternativas possíveis.

Enquanto a figura feminina do contexto social, tendo vista o olhar acerca de uma sociedade patriarcal e conservadora, também, a partir das festividades na cidade de Ingá, a Festa das Rosas, serve-nos como representação clara nesse momento do poderio das figuras relevantes na cidade, e evidencia como ocorria a distinção social num âmbito visível. O nível da festa vem a ser elevado e no Clube União Cultural Ingaense, no qual, os eventos passam a ser realizados em um viés de exclusividade,

mostrando-se como esse espaço se torna lugar de pertencimento dos mais endinheirados.

No ato de instituição do Clube foi-se estabelecido um estatuto para melhor objetividade do que havia uma concordância para ser realizado e restrições. Esse conjunto de regras e normas, regia de forma direta o Clube, e fazia com que a finalidade para participação fosse estabelecida. Havia critérios óbvios para a participação esse espaço, estes, tinham como principal fator o dinheiro, no qual, quanto mais se tinha, mais poderes o indivíduo tinha certa mobilidade social e a concepção de ascensão.

Á partir dessa perspectiva, vemos que:

Os proprietários são os que subscrevem e integralizarem de duas até quatro cotas no valor de C\$ 500,00 cada um correspondente a um título, o sócio efetivo é o que pagava uma joia de C\$ 50,00 e a mensalidade de C\$ 10,00 não teria direito a voto e sujeito as penalidades e exigências estabelecidas nesse Estatuto, mas tem o direito a ingresso franco na sede da sociedade para e a tomar parte de todas as festividades promovida pela mesma como também nas competições desportivas. Os sócios, comerciários (comerciantes) aqueles que sendo quadro social prestarem a sociedade serviços preponderantes a juízo da Assembleia geral (Ferreira et al., 2021, p.94).

Pode-se evidenciar nessa temporalidade muito glamour e um teor claramente elitista, exaltando a figura da mulher como um monumento a admiração. Nesse momento, os ateliês e alfaiates se desdobram na criação e inovação acerca de produções de vestidos trabalhamos para o evento mais esperado da cidade. Ainda, a concepção de das memórias tidas pelos moradores da cidade, corroboram para o fomento do imaginário desses determinados eventos na cidade dentro de uma perspectiva histórica.

O clube teria por objetivo reunir indivíduos que participavam de uma mesma classe social e partilhassem interesses semelhantes, pois, agora, buscavam um meio de divertimento em meio ao caos vivenciado pelas classes mais abastadas, que viviam em situações difíceis, tendo em vista o quase congelamento da agricultura que antes alicerçava a cidade entrava em declínio em meados do século XX, sendo evidenciadas pelos fatores de problemas de infraestrutura, competitividade com atividades agrícolas mais lucrativas, locomoção para importação, como também mudanças climáticas voltadas a secas, puderam ser fatores que levaram a crise nesse momento.

No entanto, a Festa das Rosas, tal qual os concursos de Rainha ocorridos na cidade de Ingá, tinha como intuito homenagear familiares da elite. A Festa das Rosas teve seu início no mês de maio de 1969 e foi realizada pela elite local, composta apenas por pessoas com bons recursos financeiros, excluindo os demais. Havia também uma certa padronagem de vestimentas a se seguir, que posteriormente mudaria. Moradores e participantes da festa contam por meios de entrevistas contidas em livros de memória da cidade que ela aconteceu inicialmente em maio por ter a ideia central de celebrar o Dia das Mães. Outros, no entanto, enfatizam que era um evento intencionalmente voltado apenas para reunir a elite e homenagear grandes nomes. Além disso, existe a perspectiva de que a festa estava ligada à Igreja Católica da cidade e era uma homenagem ao mês de Nossa Senhora do Rosário, daí o nome "Rosas".

De modo geral, a festa carregava uma intencionalidade política, mostrando-se como uma manifestação do poder da elite na cidade, afastando-se do "povão" e impondo limites claros sobre a participação nas festividades. Por trazer um teor conservador e pragmático, acreditavam na diferenciação por meio de festas, vestimentas e comportamentos. Outrossim, essas celebrações serviam para consolidar hierarquias sociais, reforçando a exclusividade e o prestígio dos participantes, enquanto marginalizavam aqueles que não se enquadravam nos padrões estabelecidos pela elite.

Nessa festa por haver uma limitação enquanto participação, causava fervor na cidade que esperava para ver os modelos, e roupas exclusivas, mas, foi percebido pela elite local regras sendo quebradas ou certos acordos desfeitos. Compreendendo que esses eventos eram realizados de forma privada, com o passar do tempo e uma gama maior de pessoas inseridas, ela passa a ser realizada no Industrial Esporte Clube, a festa passa a ter objetivos divergentes ao inicial, nos quais, se antes era realizada apenas para o divertimento do povo específico (elite), agora servia como meio de arrecadação para melhorias do Clube Industrial Esporte Clube, ou seja era um meio rentável e nesse momento viria a ser aberta ao público.

No livro "Olhares sobre a História" de Alexandre Ferreira (p. 67), à medida que a Festa das Rosas se torna acessível ao público, a elite começa a espalhar boatos e difamar a festa. Antes exclusiva para a elite, ela parece perder seu significado, pois, por questões de arrecadação, a entrada da grande massa é permitida. Nesse contexto, longe da supervisão dos pais, muitos jovens acabam perdendo sua

virgindade nesse ambiente. Com essas mudanças na festa, ocorre uma “vulgarização”, onde, antes restrita, agora permite a participação direta do público. As mulheres passaram a ser vistas de maneira mais conservadora, refletindo-se nas roupas que usavam, e comentários circulavam pela cidade sobre a liberdade feminina, especialmente em relação à figura feminina, revelando a crença de que as mulheres não desfrutavam de plena liberdade.

Enquanto a perspectiva de pensar gênero nessa sociedade, Almeida(2009), questiona as normas que impõem papéis rígidos aos homens e mulheres, perpetuando desigualdades. A mulher, historicamente objetificada e limitada a papéis subordinados, e o homem, restringido a estereótipos de força e racionalidade, são ambos impactados por essas normas. A obra propõe que a superação dessas limitações e o reconhecimento das diferenças sem hierarquias são fundamentais para uma sociedade mais justa e igualitária.

Vejamos um relato de Edilson Pereira, morador da cidade, em que afirma:

“Algumas mulheres aproveitavam o momento da festa para namorar, daí o apelido “festa do cabaço” (Ferreira et al., 2021, p.94).

No relato anterior, pode-se observar como as ações, comportamentos, como também de certa forma as roupas podiam também definir o local da mulher dentro da sociedade, e como a livre expressão mexia com os ares na cidade de Ingá. Nesse momento, a elite sai de cena e os “menos favorecidos” tomam acesso livre a festa. As memórias relatadas por moradores da cidade fazem com que haja uma rememoração sobre os eventos históricos que marcaram a cidade sejam revividos no imaginário da sociedade, principalmente num olhar de transformações durante o tempo.

No entanto, participantes das festas e eventuais concursos são vistos de forma exemplar e influenciavam os gostos e a moda na cidade, seriam figuras que poderiam sugestionar ideais para as demais e causavam uma urgência enquanto seguir padrões de beleza estabelecidos. Somado a Festas das Rosas, logo, no início da instituição do Clube eventos eram realizados com concursos de beleza compostos por filhos e filhas da elite fundiária de Ingá, sobrenomes como Da Luz, Borba, Motta, Quirino, Costa, Torres, Ribeiro, Araújo entre outros, faziam parte da composição das festas, sendo alguns dos nomes relacionados a elite da década de 1955.

FIGURA 6 – Concurso de Rainha em 1955.



Fonte: Acervo da família Medeiros de Moraes

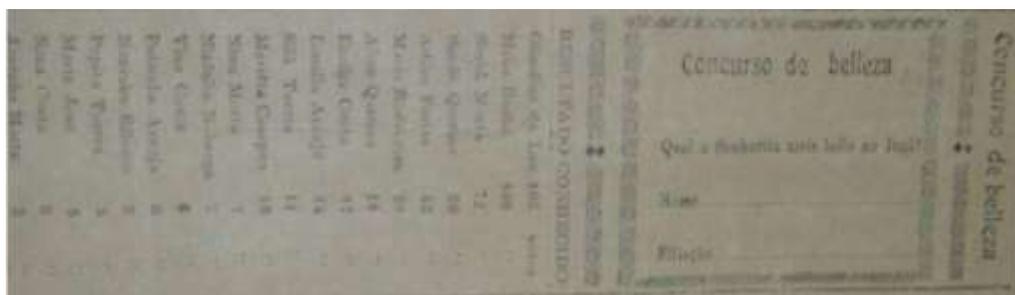
A fotografia acima é um recurso valioso para observarmos a cultura viva na cidade de Ingá, especialmente no ato de "vestir". A iconografia retrata os desfiles que aconteciam na cidade desde tempos passados, com destaque para o ano de 1955, quando os participantes eram, principalmente, jovens das famílias dos grandes fazendeiros, comerciantes e membros da elite local, que faziam parte ativamente do Clube União Cultural Ingaense.

Nesse contexto, a fotografia, como apontado por About e Chéroux (2001), se configura como um documento histórico essencial. Ao registrar momentos do passado, ela oferece uma visão única de aspectos e tensões que outros registros não conseguem capturar. Dessa forma, funciona como uma representação visual rica e tangível das vivências de diferentes sociedades, permitindo o acesso à história de forma profunda e detalhada.

O nome do evento foi intitulado como “concurso de rainha”, onde, estas moças concorriam para levar o título de menina mais bonita da região, ainda, caracterizando-as como um símbolo de poder, elevando o nome ou sobrenome de sua família. Associando a festa com outros eventos, havia sem dúvidas uma ansiedade tamanha para mostrar-se para sociedade de modo geral, a moradora da cidade Fátima de Lourdes relata sobre sua experiência em outras festas diz:

“A festa era uma beleza, me lembro, da vaidade, que as mulheres queriam se apresentar bonitas, em seus longos vestidos, e os homens também, eles não queriam ficar por baixo, é claro que não como as mulheres, mas eles também ficavam na expectativa da festa” (Ferreira et al., 2021, p.94).

FIGURA 7 – Representação do folheto de votação do concurso de beleza



Fonte: Jornal o Ingaense.

O folheto de votação do concurso de beleza de Ingá reflete as mudanças nas festividades locais, representando a liberdade de expressão em contraste com as celebrações religiosas tradicionais. Ele destaca a transformação do comportamento social e o papel das roupas como símbolos de status e renovação, conectando as mudanças na cidade à forma como as pessoas se apresentavam.

Por conseguinte, ainda, na interpretação das festividades na cidade, compreende-se como um evento expressivo e bastante representativo, que diferentes das demais festas advindas do teor religioso é compreendido como uma festa que volta a liberdade. Bakhtin (1965) propõe que o carnaval representava um período de subversão social e relaxamento das regras sociais, durante o qual as hierarquias eram momentaneamente desafiadas e as pessoas podiam se expressar de maneira mais espontânea e inventiva. Nessa temporalidade, as vestimentas vão se configurar se transformando de forma radical.

A moda reflete as mudanças sociais e culturais de cada período, adaptando-se às circunstâncias do momento, como a escassez de recursos ou a transformação dos papéis sociais. Após a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, o vestuário feminino passou a ser mais "masculinizado", respondendo à necessidade de roupas mais práticas para as mulheres que ingressaram nas atividades fabris e braçais. Essas transformações, registradas em fotografias e memórias, não apenas documentam as mudanças estéticas, mas também revelam as transformações nas relações de gênero e nas dinâmicas sociais. Assim, a moda funciona como um registro de memória, refletindo as novas identidades e os processos culturais vividos pela sociedade ao longo do tempo.

Na cidade de Ingá, nos eventos relacionados ao Carnaval que compreendiam as festas no clube, os indivíduos participavam com roupas mais despojadas, e deixam em evidencia a autonomia no vestir, usando roupas com cores mais frias e com modelos mais masculinos.

FIGURA 8 - Festa de Carnaval no Clube União Cultural Ingaense



Fonte: Acervo da família Medeiros de Moraes

Na década de 1960, o Carnaval realizado no Clube União Cultural Ingaense não apenas celebrava a festividade carnavalesca, mas também testemunhava uma transformação significativa nas vestimentas. Este período foi marcado por uma mudança cultural nas roupas, onde os participantes, incluindo membros da família Medeiros de Moraes, destacavam-se com chapéus extravagantes, refletindo status e personalidade. As mulheres adotavam blusas de botão com padrões e tecidos elegantes, contribuindo para um estilo que combinava moda e individualidade. Essas escolhas não eram apenas uma questão de estilo, mas uma afirmação cultural e social durante o vibrante carnaval da época, evidenciando como a moda se tornou um meio poderoso de expressão na sociedade brasileira dos anos 60.

Durante os anos 1960 no Brasil, a adoção de peças de vestuário que antes eram predominantemente masculinas pelas mulheres refletiu um movimento de empoderamento feminino, influenciado pelo contexto global do feminismo. Diversos autores nessa temporalidade exploram como essas transformações na moda não apenas redefiniram o estilo pessoal das mulheres, mas também desafiaram normas de gênero, promovendo maior autonomia e expressão individual dentro da sociedade

brasileira. Lília Moritz Schwarcz, por exemplo, em seu livro "O Corpo Vestido: Moda e Gênero nas Culturas Contemporâneas" (2009), examina como a moda se tornou um campo de batalha simbólico, onde questões de identidade e poder são debatidas, destacando como as mulheres brasileiras utilizaram a moda para reconfigurar conceitos de feminilidade e masculinidade na época.

Com a inserção dos meios comunicativos cada vez mais em evidência sendo consumidos, na década de 1950, a mídia exercia uma influência muito grande sobre as vestimentas e comportamentos. Segundo Ferrari (2023), os estilos mais fomentados que geravam grande influência eram os "*Teddy Boys, beatniks e rockers*", estes, eram voltados a um público jovem no período entre guerras. Nesse momento o cinema e as propagandas em geral tendiam a influenciar de forma direta o modo de se apresentar na sociedade³.

Nessa perspectiva, a cidade de Ingá posteriormente, na década de 1970 acompanhava as mudanças sociais da sociedade como um símbolo vibrante das mudanças sociais e culturais no Brasil. O Carnaval no Clube União Cultural Ingaense não era apenas uma festa, mas um evento que encapsulava a essência da moda e da celebração na época. As festas carnavalescas não apenas celebravam a rica diversidade cultural local, mas também refletiam um momento de transformação e expressão individual através da moda e da música.

O Carnaval não era apenas uma tradição, mas um palco para a afirmação de identidades e para a manifestação de novas formas de sociabilidade. O Carnaval no Clube União Cultural Ingaense não apenas perpetuou tradições festivas, mas também contribuiu significativamente para a evolução cultural da cidade e para a memória afetiva, sendo transmitido de geração em geração.

Torna-se evidente que as festividades, especialmente o Carnaval, desempenharam um papel essencial na cultura e estilo de Ingá durante as décadas de 1940 a 1960. Estes eventos não apenas celebraram a rica herança cultural da cidade, mas também moldaram ativamente as tendências de moda locais. O capítulo

³ A moda se adequa decorrente a época vivenciada, no qual, nesse momento principalmente a moda feminina é transformada e o uso de camisas de botões, calças e o alongamento do corpo da mulher está muito presente na sociedade. O "*American Way of Life*" vem a propagar a ideia de simplicidade deixando claro principalmente no estilo de contracultura dos beatniks num olhar anti-materialista que os indivíduos tinham por direito gozar de mais liberdade de expressão, e nesse contexto as vestimentas voltando-se pro Brasil um olhar europeizado, no qual, passam a haver mudanças significativas do exterior para o guarda roupa e mentalidade brasileira (Packard 1957)

destaca como o Carnaval e outras festividades não só representavam a identidade local, mas também influenciavam os trajes festivos, promovendo a evolução dos estilos e materiais utilizados ao longo do tempo. Essas celebrações foram vitais não apenas como expressões de alegria e comunidade, mas também como importantes espaços de inovação e criatividade na moda, refletindo a dinâmica social e cultural de Ingá.

4 CAPÍTULO III - Moda, Industrialização e Comércio: O Impacto da Ferrovia e da Algodoeira

Na década de 30, o município de Ingá-PB apresentou um avanço na agricultura local e no desenvolvimento de um processo industrial algodoeiro com a capacidade de produção de cento e noventa fardos de algodão em dez horas de trabalho produtivo, fazendo com que Ingá torna-se um dos principais polos de produção de tecido e algodão no estado da Paraíba (Barbosa, 2009). No ano de 1934, houve um novo aumento na produção e o governo do estado da Paraíba implementou novas ações promotoras na área da agricultura, ações essas representadas na Figura 9.

FIGURA 9 – ações implementadas pelo governo do Estado da Paraíba no ano de 1934.

Compra de mil e quinhentos maquinismos para a agricultura
Criação de campos de sementes para melhoria da qualidade da produção
Proibição do plantio do algodão comum nos municípios de Ingá, Itabaiana, Pilar e parte de Campina Grande
Desenvolvimento de melhores áreas produtoras
Isenção de impostos para a instalação de novas usinas de beneficiamento

Fonte: adaptado de Barbosa (2009).

No ano seguinte, os estabelecimentos da Anderson Clayton (Figura 10) e Sanbra já estavam instalados nos municípios de Campina Grande, Alagoa Grande, Cabedelo, Cajazeiras, Patos e, em 1936, no Ingá. Com isso, houve o desuso dos menores equipamentos de vapores e, a Anderson Clayton por exemplo, contratava fazendeiros como produtores intermediários, a fim de realizar a compra do algodão e produzir em seu próprio território (Barbosa, 2009).

FIGURA 10 - Aspectos das instalações da Anderson Clayton em Ingá.



Fonte: Revista O Cruzeiro (10 dez. 1938, p. 56) por Neto (2019).

A empresa comprava o algodão pelo preço fixado e repassava aos pequenos produtores mesmo que o valor do algodão tivesse alteração na bolsa de valores internacional. Além disso, outros microempresários desenvolveram a produção de algodão na região, como Manoel Bacalhau, Manoel Cândido e José Luz, com o funcionamento de quinze a vinte bolandeiras. Entretanto, com o passar do tempo, as grandes empresas tomavam lugar dos pequenos territórios de algodão, visto que em todo o estado da Paraíba, houve uma redução de mais de dois terços dos descaroçadores pequenos (Barbosa, 2009).

FIGURA 11 - Cultivo e adubação de algodoais em Ingá.



Fonte: DEPEB (1938) por Neto (2019).

Quando os fardos de algodão estavam prontos para exportação, eram enviados aos principais portos do Brasil, como Rio de Janeiro, Santos e Liverpool. O governo do Estado da Paraíba fornecia sementes selecionadas aos agricultores e fazia com que Ingá torna-se reconhecido como um dos principais municípios de produção e padronização da indústria algodoeira (Barbosa, 2009; Neto, 2019).

“Quem planta o algodão, para ganhar dinheiro, para conseguir independência econômica, abandona processos velhos, dizendo adeus, aliviados à enxada, símbolo da pobreza, e segue o exemplo dos agricultores do Ingá” (Jornal “A União”, 15.03.36).

E, foi na década de 30 e 40, o agreste do estado e, principalmente, o município de Ingá, apresentou um aumento da taxa de produtividade de algodão e se tornando o segundo maior produtor de algodão da Paraíba (Barbosa, 2009). Os maiores proprietários e propriedades de Ingá estão representados na Figura 12.

FIGURA 12 – Maiores produtores e propriedades ingaenses de algodão nas décadas de 30.

Proprietários	Propriedades
Francisco Bacalhau	Primavera
Américo Tito	Amargoso
José Bacalhau	Tambor
Euclides Bacalhau	Várzea Nova
João Alves Trigueiro	Camaleão

Fonte: adaptado de Barbosa (2009).

“As sementes adquiridas para venda, neste município, além de terem obrigatoriamente os dados de sua procedência, são expurgadas e submetidas a exames que determinam o seu valor germinativo antes e depois de expurgada” (“Jornal A União” - 09.09.40).

A ascensão do algodão em Ingá-PB entre as décadas de 1940 e 1960 foi um período de grande prosperidade econômica para a região, assim como para o estado da Paraíba e outras áreas do Nordeste brasileiro. Esse ciclo algodoeiro marcou a economia local, transformando a agricultura e o comércio, além de influenciar profundamente a sociedade ingaense.

Durante esse período, o Brasil, e particularmente o Nordeste, experimentaram um crescimento expressivo na produção de algodão em resposta à alta demanda internacional. O algodão nordestino era amplamente exportado, sobretudo para a Europa e os Estados Unidos, que precisavam da matéria-prima para sua indústria têxtil.

As condições climáticas do agreste paraibano, onde Ingá está localizada, mostraram-se ideais para o cultivo do algodão. A combinação de um clima semiárido,

com chuvas sazonais bem definidas, e o solo fértil ajudou a impulsionar o cultivo do algodão, tornando a região um dos principais polos produtores.

A implementação da linha ferroviária que ligava Campina Grande a Itabaiana, que passou por Ingá, facilitou significativamente o escoamento da produção de algodão. Essa infraestrutura de transporte permitiu que a produção fosse comercializada em larga escala, tanto no mercado interno quanto para exportação, gerando grande riqueza para a região.

A produção de algodão não apenas gerou empregos diretos nas plantações, mas também movimentou atividades comerciais e de serviços em Ingá. Comerciantes, pequenos empresários e trabalhadores da indústria local também se beneficiaram, criando uma nova classe de trabalhadores e empresários ligados ao setor algodoeiro.

A economia algodoeira trouxe transformações profundas na vida cotidiana da população de Ingá. O acesso a novos bens e a integração ao mercado nacional e internacional elevaram o padrão de vida de muitos, além de modificar comportamentos e costumes locais. Novos estilos de vestimenta e de consumo surgiram, influenciados pelo contato com o mercado têxtil global.

O auge da produção de algodão também coincidiu com o processo de urbanização de Ingá e cidades vizinhas, impulsionado pela economia em crescimento. Pequenas vilas começaram a se expandir, e a melhoria de infraestrutura, como estradas, ferrovias e serviços públicos, foi diretamente ligada à prosperidade proporcionada pelo algodão.

Com o movimento do algodão em todo o Nordeste, houve uma ampliação da iniciativa da construção de uma estrada de ferro no município de Ingá, principalmente pelos comerciantes de Campina Grande, na tentativa de tornar o comércio mais hábil.

“Houve empenho de Cristiano Lauritzen em conseguir a concessão de uma estrada de ferro para Campina Grande, esta foi concedida mediante todo um comprometimento político” (Aranha, 2006, p.232).

Apesar disso, existiu certo conflito de interesse entre os sujeitos responsáveis entre decidir qual ramal definiria a estrada de ferro, com iniciativas de ser de Alagoa Grande e Itabaiana.

“Os trens que aportavam nessas estações- trazendo ou levando pessoas e objetos, além de boas e más notícias, ou simplesmente notícias, não esquecendo de sonhos a realizar ou desfeitos – tornam-se canais por meio dos quais essas estações se constituem enquanto espaços de intensa sociabilidade, convergindo para ela praticamente todos os interesses da

coletividade em seus laços com o mundo exterior, sejam econômicos, políticos e afetivos” (Aranha, 2003, p.88).

Em 1940 funcionou ainda um cabaré e, após reclamações da sociedade patriarcal e moralizante, juntamente com a Igreja Católica, fecharam o local e, em torno de 1957, outro local de profissionais do sexo também foi reaberto, em que as mulheres vinham de Itabaiana-PB para Ingá-PB através do trem, e, apesar do caráter machista, houve influência da sociabilidade pelo trem (Ferreira, 2014).

Na cidade de Ingá, Brasil, nas décadas de 1940 a 1960, as mulheres que entravam no mercado de trabalho, frequentando comércios e fábricas, eram frequentemente vistas através de um olhar machista que impunha expectativas rígidas quanto ao comportamento e à aparência.

Enquanto as prostitutas eram estereotipadas por seus perfumes intensos, comportamento extravagante e aparência chamativa, as mulheres trabalhadoras eram incentivadas a evitar tais características para não serem mal interpretadas.

A prostituta era a mulher descontrolada, livre e espalhafatosa, facilmente identificada pelos perfumes fortes, pelo comportamento extravagante e pela aparência. Enquanto a mulher honesta, embora estivesse entrando no mercado de trabalho, frequentando comércios e fábricas, deveria tomar cuidado para não ser identificada com estas outras mulheres, evitando roupas e perfumes e joias exageradas. (Souza et al., 2014, p.15)

Este contraste não apenas refletia normas de gênero da época, mas também revelava uma divisão social que estigmatizava as mulheres com base na percepção de sua aparência e comportamento como "exagerados" ou "provocativos". Segundo Souza (2014) em "Territórios da Sedução, Violência e Prazeres Proibidos em Ingá (1940-1960)", se torna explícito como essas percepções moldavam a experiência feminina na cidade, destacando a importância da moda e do comportamento na manutenção das normas sociais e de gênero da época.

O desenvolvimento da ferrovia foi fundamental para uma maior intercomunicação regional e dinamicidade na movimentação das notícias e comércio. Além disso, promoveu à sociabilidade entre a população, grupos, classes, práticas de interação, ritos e festas, comportamentos e hábitos (Pesavento, 2007, p.14).

Então, com a maior produção e a comercialização em larga escala, nesse momento, as necessidades de apresentação para o meio social se somavam nessa

temporalidade. Com a escassez de algumas matérias primas e implementação de outras substituições e modificações, a moda se transformava.

Voltando-se ao público masculino, a utilização de linho e peças com cores mais amenas eram utilizadas em ambientes cotidiano, camisas de botões e o uso do chapéu é implementado mesmo em ações cotidianas, com um olhar que permeia a região do agreste paraibano, a imagem de um “sertanejo” é construída, porém, seguindo influências e uma elite europeizada. Ainda, se voltado para a roupa feminina, principalmente se focado nas indumentárias o uso de chapéus, luvas e joias eram nítidos, também sofrendo influências do exterior.

Os elementos estilísticos da Belle Époque, como motivos florais, laços, penas e formas femininas, ainda influenciaram a moda e o design de acessórios. No entanto, essa influência foi mais sutil e adaptada aos gostos da época, refletindo uma transição para estilos mais simples e práticos em resposta às mudanças sociais e culturais da década de 1930.

FIGURA 13 - Construção de uma prensa de algodão em 1938: transporte de algodão para prensa em 1938.



Fonte: Acervo particular de Vavá da Luz.

Dessa forma, se torna claro, que existia influências relacionadas a Europa e ao olhar de uma elite local, para seguir a moda urbana e tentar ser inseridos nos meios padronizados usados pela elite local. Nessa perspectiva, Bonadio (2007), vem mostrar que a elite, de forma mais abrupta, buscava constantes meios de se diferenciar dos povos menos abastados e isso refletia nas indumentárias inseridas na sociedade, como o uso de vestidos com tecidos mais refinados, chapéus, luvas e acessórios importados da França e da Inglaterra eram exibidos em bailes e eventos sociais, refletindo a influência da moda europeia na sociedade brasileira da época."

O modo de vestir da população, principalmente da elite de Ingá, refletindo também nos hábitos da grande massa, vem se modificando desde meados os anos 1960, seja para homens, como para mulheres, mostrando-se cada vez mais requintado passeando por olhares ingleses. O dinheiro adquirido através dos ganhos com o algodão fez com que a cidade se torna-se palco de distinções sociais acaloradas.

As indumentárias inseridas nas festividades se assemelhavam ao vestir nas cortes Inglesas, o uso de chapéu, gravata, paletós e relógios e algibeira fazia parte dos usos de uma elite ingaense. Partindo da compreensão enquanto a necessidade do consumo acelerado e padronizado com olhares europeizados, e advindos também dos usos das grandes capitais, alguns produtos já eram produzidos nas localidades de Campina Grande e eram comercializados pelas cidades circunvizinhas de Ingá como sapatos, paletós e gravatas, em um trabalho manual e exclusivo.

De certo, é inegável o profundo impacto que a chegada da ferrovia e o desenvolvimento da indústria algodoeira tiveram em Ingá durante as décadas de 1940 a 1960. Estes avanços não apenas revolucionaram a economia local, mas também redefiniram os padrões de moda e comportamento na cidade. A introdução de novos tecidos e estilos não só transformou o comércio têxtil, mas também influenciou a maneira como os habitantes de Ingá se vestiam e se identificavam socialmente, e para além disso, como a grande massa se inseria no trabalho braçal sendo-lhes um novo meio de renda,

Embora as décadas de 1940 a 1960 tenham sido de grande prosperidade para Ingá, a economia algodoeira começou a declinar nas décadas seguintes. A chegada de pragas, como o bicudo-do-algodoeiro, e a concorrência de algodão produzido em outros países com melhores tecnologias começaram a reduzir a competitividade do algodão nordestino. Isso, somado às mudanças no mercado global, levou a uma retração da atividade algodoeira na região, forçando uma reinvenção da economia local.

Em 1904, Lauritzen optou pela construção da via ferroviária em Itabaiana, e três anos depois, em 1907, o trem realizou sua primeira viagem entre Campina Grande e Itabaiana. O evento foi marcante para a região, sendo descrito por Alexandre (2014) como a realização de um antigo sonho de progresso e prosperidade. A estação ferroviária, localizada a 2 km da cidade no bairro Estação, possui uma planta retangular e inclui sala de espera, bilheteria e armazém. Além de ser um marco arquitetônico, a ferrovia facilitou o comércio de algodão, impulsionando a economia de Ingá-PB (Ferreira, 2014).

Destacamos que:

Os anos oitenta surgiram para o pequeno produtor rural nordestino, anunciando dificuldades jamais imaginadas anteriormente. Estes, habituados aos sofrimentos impostos pelas constantes estiagens e suas pobreza históricas, são tomados, nos anos oitenta, por uma grave crise econômica, somando-se a terríveis e insistentes estiagens. Para completar o quadro desolador dos anos oitenta, ataca a cultura que lhes dava um pouco de rendimento – o algodão – a praga do ‘bicudo do algodoeiro’ (Costa, 1996, p. 43).

O cultivo do algodão teve um papel crucial no desenvolvimento econômico e social de Ingá, Paraíba. Durante os séculos XIX e XX, o algodão foi um dos principais produtos agrícolas da região, contribuindo significativamente para a geração de emprego e renda para a população local. Além de garantir comida na mesa e estabilidade financeira, o algodão trouxe consigo transformações profundas no estilo de vida, modos de vestir e comportamento da população ingaense. Com a prosperidade do setor algodoeiro, novos padrões de consumo e de vestimentas passaram a ser adotados, influenciando inclusive a maneira como as pessoas se relacionavam socialmente e economicamente.

Essa prosperidade, no entanto, sofreu um golpe drástico com a crise do algodão nos anos 1980, causada por diversos fatores, como a concorrência internacional, o declínio dos preços no mercado global e a falta de modernização nas técnicas de cultivo. A crise trouxe um impacto devastador para a economia local, que dependia fortemente da monocultura algodoeira. A queda na produção e a perda de mercado obrigaram os produtores e comerciantes de Ingá a buscar alternativas para sobreviver economicamente, o que exigiu a reinvenção de estratégias de desenvolvimento.

Com o algodão deixando de ser a principal fonte de renda, Ingá e outras cidades da região precisaram explorar novas formas de sustentabilidade econômica, seja por meio de outros cultivos agrícolas ou diversificando suas atividades produtivas. Essa transição não foi fácil, mas marcou um período de adaptação e resiliência da população, que precisou encontrar novas maneiras de garantir seu sustento.

A crise algodoeira serviu também como um ponto de reflexão sobre a dependência em monoculturas e a necessidade de políticas públicas voltadas para o fortalecimento da economia local e regional, com incentivo à diversificação de culturas e o desenvolvimento de tecnologias que garantam maior competitividade no mercado global.

Nos últimos anos, a cultura do algodão tem experimentado um retorno em várias regiões do Nordeste, incluindo Ingá, Paraíba, após décadas de declínio devido à crise dos anos 1980. Esse retorno tem sido impulsionado por uma combinação de esforços governamentais, parcerias entre produtores e iniciativas privadas que buscam revitalizar a produção de algodão de maneira mais sustentável e competitiva.

Uma das principais razões para esse ressurgimento é o desenvolvimento do algodão agroecológico, que se alinha a práticas sustentáveis e de menor impacto ambiental. Essa forma de cultivo, sem o uso de pesticidas ou produtos químicos agressivos, tem atraído mercados externos, especialmente o europeu, que valoriza produtos orgânicos e sustentáveis. Além disso, cooperativas locais e projetos de agricultura familiar têm desempenhado um papel fundamental no retorno dessa cultura, oferecendo treinamento e apoio técnico aos produtores, o que tem gerado empregos e revitalizado a economia local.

Outro fator que contribui para o retorno do algodão é o uso de tecnologia e inovação na produção. O desenvolvimento de novas variedades de algodão, mais resistentes a pragas e adaptadas ao clima semiárido, tem permitido que os produtores do Ingá voltem a explorar o cultivo de maneira mais eficaz. O governo e outras instituições também têm promovido políticas de incentivo, como crédito facilitado e assistência técnica, para apoiar os pequenos e médios agricultores na retomada dessa atividade, fomentando reconhecimento e permitindo a inserção de novos meios de rentabilidade para a cidade que alçam altos voos.

O retorno do algodão em Ingá também significa uma nova oportunidade para a geração de renda e diversificação da economia local, que, após anos de dependência de outras culturas e atividades, volta a ter o algodão como uma importante fonte de receita. Contudo, apesar desse renascimento, os produtores ainda enfrentam desafios como a necessidade de ampliar a escala de produção e garantir acesso a mercados mais competitivos.

O movimento de resgate do algodão em Ingá, além de ser uma resposta econômica, tem sido também um símbolo da resiliência da agricultura local e da capacidade de inovação frente a desafios históricos. A sustentabilidade e a busca por novos mercados têm sido chave para esse retorno, consolidando o algodão como uma peça importante na reestruturação da economia agrícola na região.

Nesse sentido, o processo algodoeiro na cidade de Ingá além de propiciar mudanças significativas na vida dos indivíduos, agora, se renova, retoma suas

práticas culturais, transbordando representatividade e esperança de novas práticas ao seu redor. A volta de funcionamento da antiga Anderson Clayton, polo Ingá, é um marco que se pauta em trazer renovo e novas perspectivas e simbologias para sociedade, na qual, já se mostra com bastante potencial novamente sendo transformado em modelos para desfiles nas passarelas de Milão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A moda em Ingá, ao longo dos anos, refletiu não apenas as mudanças sociais e culturais, mas também as influências históricas que moldaram a identidade da cidade. Desde o período de urbanização até as profundas transformações pós Segunda Guerra Mundial, a moda tem sido uma expressão vibrante das festividades, simbologias e representatividade da comunidade. Durante o processo de urbanização, a moda se tornou um meio de expressão e diferenciação dentro da comunidade, refletindo tanto as tendências globais quanto as tradições locais.

Após a Segunda Guerra Mundial, as mudanças sociais e econômicas influenciaram ainda mais a moda em Ingá. A reconstrução pós-guerra e o surgimento de uma nova era de prosperidade trouxeram consigo novas ideias e estilos, refletindo-se nas roupas e nos acessórios usados pelos habitantes de Ingá. As festividades locais se tornaram ocasiões para exibir não apenas roupas elegantes, mas também para celebrar a resiliência e a renovação da comunidade.

Além disso, a moda em Ingá também carrega consigo simbologias e representatividade cultural profundas. As escolhas de vestuário não são apenas uma questão de estética, mas também de identidade e pertencimento. Por meio da moda, os habitantes de Ingá expressam suas tradições, valores e aspirações, tornando-a uma forma poderosa de manifestação cultural.

De certo, se torna um fator essencial destacar a importância da memória como um elemento central para a preservação e compreensão da história local. A memória não se restringe apenas às lembranças individuais, mas engloba também as narrativas coletivas que são fundamentais para a construção da identidade de uma comunidade ao longo do tempo, reviver os relatos de memória e promover a valorização da cultura é essencial na sociedade.

No contexto deste trabalho, a abordagem da memória histórica foi cuidadosamente desenvolvida para capturar não apenas os detalhes dos estilos de moda e suas evoluções, mas também para contextualizar essas expressões culturais dentro das transformações sociais, econômicas e políticas que marcaram o período em Ingá-PB. A memória coletiva, compartilhada através de relatos de moradores, documentos históricos e registros visuais, proporcionou uma base sólida para analisar como as práticas de vestuário não apenas refletiram, mas também influenciaram a vida cotidiana e a identidade dos habitantes de Ingá.

Ao longo do trabalho, foi possível explorar como eventos como festividades locais e mudanças na indústria têxtil foram registrados na memória da comunidade e como esses registros ajudaram a reconstruir os cenários culturais e sociais da época. A preservação da memória permitiu não apenas identificar padrões de moda e consumo, mas também revelar as motivações por trás das escolhas de vestuário e as formas como essas escolhas foram adaptadas às condições locais e aos contextos globais da época.

Portanto, ficou claro que documentar e preservar as memórias individuais e coletivas é essencial não apenas para a história local, mas também para uma compreensão mais profunda e significativa das dinâmicas sociais e culturais de Ingá entre 1940 e 1960. A análise minuciosa das memórias compartilhadas e sua interpretação crítica não apenas ajudaram a reconstruir, mas também a contextualizar as expressões culturais através da moda, oferecendo um quadro rico e detalhado das transformações e identidades da época. Assim, este estudo sublinha a importância contínua de preservar e valorizar as narrativas locais como fundamentais para a preservação da identidade cultural e histórica de Ingá-PB.

Em suma, essa pesquisa se revela extremamente pertinente, pois possibilita a exploração da relação entre as práticas de vestuário e a formação da identidade cultural de uma comunidade. A pesquisa neste campo não apenas recupera narrativas que podem ter sido esquecidas, mas também evidencia a moda como um meio de expressão e resistência cultural. Ao analisar as escolhas estéticas de um período específico, é possível identificar conexões entre memória coletiva e construção social. A fotografia, enquanto documento visual, potencializa essas histórias, proporcionando uma compreensão mais aprofundada da sociedade ingaense. Em conclusão, este estudo se torna uma ferramenta valiosa para valorizar a cultura local e preservar a identidade histórica, contribuindo significativamente para o campo da historiografia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. **As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade**. Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, Campo Grande-MS, n. 31, p. 165-181, jan./jun. 2011.
- ANAIS do Museu Paulista: **História e Cultura Material**. Scielo.br. Disponível em: <<https://www.scielo.br/ij/anaismp/i/2005.v13n1/>>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- A UNIÃO, Paraíba. **Directoria de Produção: plantar para enriquecer**. 15 de março de 1936, Secção 2, p. 1.
- A UNIÃO, Paraíba. **O Algodão**. 09 de setembro de 1940, p. 3.
- BAKHTIN, Mikhail M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- BARBOSA, R.S. **O Império do Algodão em meados da década de 40 (Ingá-PB)**. 2009. Disponível em: <<https://ruidasilvabarbosa.blogspot.com/2009/07/no-imperio-doalgodao-semeia-se-miseria.html>>. Acesso em: 27 abr. 2024.
- BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1967.
- BONADIO, Maria Claudia; GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. **Alceu Penna e a Construção de um Estilo Brasileiro: Modas e Figurinos**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasil, 2023.
- BRAGA, Mário A. **Moda Brasileira: Entre o Colonial e o Contemporâneo**. São Paulo: Editora XYZ, 2010.
- CALVALCANTI, M. C.; PESSANHA, J. L. (Orgs.). **História da vida privada no Brasil, Volume 3: República da Belle Époque e a era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CANABARRO, Ivo Santos. **Fotografia e História: questões teóricas e metodológicas**. Visualidades, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 98-125, jan.-jun. 2015.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. **A moda e seus padrões**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. A moda e seus padrões. **Revista Iara**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 50-65, jan. 2014. Disponível em: <https://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wpcontent/uploads/2015/01/07_iara_vol3_n3_dossie.pdf>. Acesso em: [15 de jun.2024].
- ACMinas. **Como a indústria da moda se reinventou depois de grandes guerras e pandemias**. ACMinas | Associação Comercial e Empresarial de Minas. Disponível

em: <<https://acminas.com.br/conselho/como-a-industria-da-moda-se-reinventoudepois-de-grandes-guerras-e-pandemias/>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

CORREIA, T. de B. O art déco na arquitetura brasileira. **Revista UFG**, Goiânia, v. 12, n. 8, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48295>. Acesso em: 2 out. 2024.

COSTA, José Jonas Duarte da. **A crise do sistema de produção algodoeiro paraibano** (uma análise das causas). Dissertação (Mestrado em Economia). Campina Grande, PB: UFPB, 1996.

CUNHA, J. M. O algodão no Nordeste brasileiro: o caso de Ingá. **Revista de Estudos Regionais**, v. 15, n. 1, p. 78-92, 2010.

DEPEB. Departamento de Estatística e Publicidade do Estado da Paraíba. **Realizações do Governo Argemiro de Figueirêdo**. Brasil, 1938.

DIAS, C. C. **Anos dourados, belos e femininos: a mulher e a moda na década de 50 no Brasil**. Disponível em: <https://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202012/GT06/COMUNICACAOORAL/102279_Anos_dourados_belos_e_femininos.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

FERREIRA, A. (Org.). **INGÁ: Olhares sobre a História**. 1. ed. Mídia Gráfica e Editora Ltda, 2021.

FERREIRA, A. **Ingá: Retalhos da História... resquícius de memória**. Campina Grande: Cópias & Papéis, 2012.

FREIRE DE MELLO, Gilberto. **Modos de Homem & Modas de Mulher**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MELO E SOUZA, Gilda de. **O espírito das roupas: A moda no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias**. Niterói: Editora da UFF, 2008.

NETO, J.B.L. **A política de modernização da produção algodoeira na Paraíba: progresso, trabalho e dependência (1935-1960)**. Universidade Federal da Paraíba, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19082/1/Jos%c3%a9BatistaDeLiraNeto_Dissert.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2024.

PACKARD, Vance. **The Hidden Persuaders**. 1957. Disponível em: <<https://archive.org/details/the-hidden-persuaders>>. Acesso em: 14 set. 2024.

PESAVENTO, S.J. História, Memória e Centralidade Urbana. **Rev. Mosaico**, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun., 2008.

PITTA, D. Festas dos anos 50, 60, 70 e 80: história, como se vestir e dicas de roupas, fantasias e decoração. **Fashion Bubbles**, 12 nov. 2012. Disponível em: <<https://www.fashionbubbles.com/festas-tematicas/manual-para-festas-dos-anos-5060-70-e-80-historia-como-se-vestir-e-dicas-de-roupas-e-fantasias/>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

PIZA, R. Dior: a história, a importância e os ícones da marca. **ELLE Brasil**, 07 jul. 2023. Disponível em: <<https://elle.com.br/moda/dior-historia-icone-da-marca>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. Edição revista. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

SIMILI, Claudia Regina. Mulheres e guerra: transformações e permanências no universo feminino. **Cadernos Pagu**, n. 31, p. 123-145, 2008. Disponível em: <[https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/2008\(31\)/Simili.pdf](https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/2008(31)/Simili.pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2024.

SOUZA, H.M.A. **Nos territórios da sedução, violência e prazeres proibidos: a prostituição**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.